Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

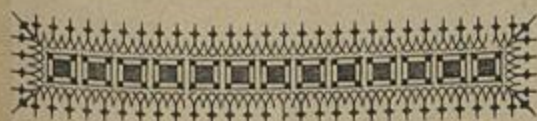
22.º Anno — XXII Volume — N.º 734

20 DE MAIO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Duas poderosas esquadras, uma ingleza, outra allemã, vieram de visita ao Tejo, um d'estes dias, saudar a bandeira portugueza, que ainda tremula n'uma enorme extensão da Africa.

A razão principal da visita muito tem sido discutida. Porque veio de Kiel até ás aguas portuguezas a esquadra allemã? Porque encontrou já no Tejo a esquadra do Canal, que, precedida pelo aviso *Pactolus*, aqui deu entrada no dia 10? Fala-se ainda na possivel visita de uma esquadra franceza. Que querem dizer tantos cumprimentos?... As respostas são muitas e bem diversas.

Visitas d'estas, ultimamente, foram raras. Ha muitos annos até que a esquadra do Mediteraneo deixou de dar no porto de Lisboa a entrada, que, antigamente, antes de 1890, era quasi certa, todos os invernos.

A entrada das esquadras foi um bellissimo espectaculo, a que, maravilhada, assistiu grande parte da população de Lisboa. Encheram-se de gente todos os altos da cidade, o Aterro, as praças á beira do Tejo, todos os pontos emfim d'onde facilmente se podiam vêr esses novos colossos de guerra cortando majestosamente com suas quilhas d'aço as aguas tranquillas do rio pacato. Desde ha muito, estava elle esquecido de tamanho poderío naval.

Animaram-se as ruas da cidade e o commercio exultou.

Ranchos de marinheiros allemães, em geral graves, sérios, de boa compostura, passeiam pelas ruas, entram nos cafés. Um bando ou outro prova nas tabernas o vinho, que depois lhes sobe ás cabeças. E são cantorias e cambalhotas e seu sopapo á mistura. Coisa de pouca monta.

Lisboa alegrou-se, porque essas dezenas de navios, contando cada um d'elles algumas centenas de tripulantes, deram ao commercio uma desusada animação com seus fornecimentos.

Como amigos foram inglezes e allemães aqui recebidos. Não teem faltado as festas, recepções no palacio de Ajuda, almoços a bordo, bailes nas legações, grandes banquetes na sala do risco do Arsenal da Marinha.

Tornou-se notavel sobretudo o pequenino discurso com que o almirante inglez levantou o brinde a Portugal e falou das glorias d'este pequenino paiz, tão ligado, disse elle, á Inglaterra, que esta, como de proprias glorias, com ellas se alegrava.

E todas essas festas officiaes assim correram, na melhor das harmonias, dando-nos sempre a esperança d'um breve desannuviamento do futuro.

Foi brilhantissima a illuminação a luz electrica da esquadra ingleza na noite do banquete. Eram navios fantasticos com todos os contornos desenhados por estrellas a scintillarem. Cada não era uma joia maravilhosa, não sonhada ainda pela mais opulenta imaginação oriental.

E novamente os altos de Lisboa se apinharam de gente, deslumbrada com o estonteador espectaculo, todos discutindo, que em discussões se tem passado o tempo. Era enorme a multidão no Castello, na Graça, no Monte, nas Chagas, na Rocha do Conde d'Obidos e sobretudo no Alto de Santa Catharina, o sitio mais proprio para se verem navios.

El-rei, que, mal de volta do Algarve, partira para Evora, voltou a Lisboa para receber os hospedes, que de tão poderosas nações vieram cumprimentar a bandeira azul e branca.

Foram notaveis as festas que em Evora lhe fizeram e deu bom resultado a caçada organisada; mas o dever do monarcha chamava-o á capital do reino e breve teve El-rei que regressar.

A amabilidade da Imperatriz das Indias e do Imperador da Allemanha preciso era corresponder. Inglezes e allemães são nossos visinhos em Africa e fazer-se boa visinhança é regra de boa civilidade e de boa diplomacia.

Poucos dias se demorou no Tejo a esquadra ingleza. Poucos dias depois da sahida d'esta, demandou a barra a esquadra allemã.

A Allemanha pelos grandes homens de que foi berço tem que ser sympathica a todos. Foi patria de grandes politicos, de famosos generaes, de profundos philosophos, de extraordinarios poetas, de incomparaveis artistas.

Ainda ha poucos dias em Lisboa foi prestada homenagem a um dos maiores genios da humanidade, que muitos classificam até de sobre-humano, e que na Allemanha nasceu, estudou, produziu suas criações.

Foi em casa de Rey Colaço, o nosso pianista insigne, que Antonio Arroyo realisou a sua conferencia sobre a obra de Beethoven, o compositor para quem será eterna a gloria.

Antonio Arroyo é um apaixonado de toda a boa arte. Ainda não ha muito, aqui escrevemos o

THEATRO DA TRINDADE

A ACTRIZ PALMIRA BASTOS

seu nome com merecidos elogios a proposito das conferencias realisadas no Porto sobre a obra de Soares dos Reis e Teixeira Lopes.

Rey Colaço, um artista devoto de boa arte, que em suas salas costuma reunir os mais notaveis cultores e adoradores respeitosos da musica, collaborou com Arroyo na homenagem devida ao criador de tanta obra maravilhosa, ao infeliz Beethowen, cego e surdo nos ultimos dias de sua atribulada vida.

Foi sob todos os pontos de vista notavel a conferencia de Antonio Arroyo, que falou durante mais de uma hora sobre as altissimas faculdades do maior dos mestres, sobre a historia da musica, sobre o seu desenvolvimento.

Uma bella conferencia, como muito seria para desejar que outras, sobre diversos assumptos d'arte, se fossem realisando entre nós, que tão atrazados a tal respeito andamos.

A prova do que affirmava o illustre conferente foi dada immediatamente ao auditorio escolhido.

Melle Alzina, discipula de Colaço, executou o concerto em dó maior; a Sr.ª D. Sara Marques cantou a melodia, *Adelaide*, e o concerto terminou, sentando-se, ao piano, Rey Colaço e executando, com a mestria que lhe conhecemos, as trinta e duas variações em dó menor.

Muitas vezes se tem falado em promover quanto possivel o desenvolvimento da arte em Lisboa por meio d'essas conferencias antecedendo a exhibição das mais notaveis obras primas musicaes, litterarias, theatraes ou outras.

Bello exemplo deu agora Antonio Arroyo á nossa proverbial indolencia portugueza.

Que o tempo não vai correndo mal para a musica e d'ella ainda nos temos que occupar. Outros espectaculos, a que a musica tem dado realce, ultimamente se realisaram, em festas intimas ou salas publicas.

No salão do real conservatorio realisou se na manhã do dia 15 um concerto promovido pelo conhecido professor Sarti, em que pela primeira vez o publico de Lisboa poude applaudir o *Stabat Mater* de Pergolesi, uma das melhores obras d'esse famoso compositor, que, morrendo com pouco mais de vinte e cinco annos, vive immortal ha mais de seculo e meio.

A interpretação que mereceu a maior das ovações fora confiada a M.me Sarti e á Sr.ª Condessa de Proença a Velha.

A Sr.ª D. Josephina Aboim e o Sr. Eduardo Pinto da Cunha cantaram o duettino do *D. João* de Mozart. Cantou ainda o Sr. Luiz Coruche e a Sr.ª D. Elisa Baptista de Sousa mais uma vez justificou seus creditos de tocadora eximia.

Uma festa completa.

Vai-se, embora vagarosamente, desenvolvendo em Lisboa o gosto pela musica e comprehendendo que ha mais alguma coisa a applaudir do que um dó de peito carissimo d'um tenor de fama em S. Carlos.

É ainda a musica que todas as noites atrahe enorme concorrencia ao Colyseo das Portas de Santo Antão, onde a excellente companhia de Emilio Giovannini, que veio do Porto precedida de grande fama, exhibe seu variadissimo repertorio.

A musica é a rainha das artes, a grande consoladora, a inspiradora sem egual. Ninguem como ella para nos dar azas e atrahir quando é boa, para nos dar azas de fugir quando, como tanta que conhecemos...

Os pianos...!

Não sei se a anecdota é velha...

Um homem encontra um amigo e dá-lhe parte que vai casar.

— Mas a minha noiva tem um defeito horrivel: não sabe tocar piano.

— E achas isso um defeito...!

— É que não sabe... mas toca!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

PALMIRA BASTOS

Um caso raro e feliz. Nova e famosa.

Começou ha dois dias, póde quasi dizer-se, e entretanto é das actrizes mais estimadas do publico.

Nos mais differentes generos tem revelado incontestaveis, variadissimas aptidões.

Muito novinha, vimol-a cantar na Rua dos Condes o papel de *Gatinha branca* n'uma revista de Sousa Bastos. Pouco tempo depois entrava para a companhia de Cyriaco de Cardoso no theatro da Avenida, e tanta vocação demonstrava que a companhia de Rosas e Brazão offerecia-lhe escriptura e alguns bons papeis, no giro artistico que deram pelo Brazil.

De volta a Lisboa, entrou pouco tempo depois para a companhia do theatro da Trindade, onde fez o papel de *André* no *Burro do sr. Alcaide.*

Sousa Bastos, que fôra procurar uma actriz promettedora, achou n'ella uma verdadeira estrella. Ligado hoje a Palmira Bastos pelos laços do matrimonio, com a sciencia de theatro que possue, tem carinhosamente educado a esposa que bem tem cumprido quantas promessas fizera seu talento ao despontar.

Palmira Bastos, que, durante um anno representou ao lado de Virginia, de Mello e de Ferreira da Silva, mostrou que podia no drama attingir a altura a que raras previlegiadas podem subir.

Na *Bohemia*, na *Honra*, no *Auto dos Esquecidos*, Palmira foi applaudida com enthusiasmo pelos espectadores e pela critica.

O theatro mudou de genero e Palmira voltou aos seus antigos papeis de opera comica, que faz com uma graça, uma finura, uma arte viva e encantadora.

O que ha de mais notavel em Palmira Bastos é que a sua finissima intelligencia lhe marca definidamente os limites em que o seu talento deve exercer a actividade. Recursos não lhe faltam nem azas para voar; mas em Palmira não ha que temer as quedas. Equilibrada como raras artistas, eguala seu talento o seu bom senso. A si mesma se conhece, e longe por isso está sempre do ridiculo, em que por vezes vemos cahir artistas de grande nome e extraordinaria fama.

Sympathica, insinuante, elegante no andar e no vestir, sobria no gesto, possuidora de uma voz que o estudo e methodo teem aperfeiçoado, Palmira Bastos tem uma larga, facillima estrada a percorrer, qualquer que seja o genero a que deseje dedicar-se.

Está agora na opera comica e os que a viram no drama teem saudades d'ella. Diz-se que, de volta do Brazil, entrará para um dos nossos theatros de declamação, e todos os maestros prevêem insubstituivel o seu logar na Trindade.

Faça ella o que o coração lhe disser, que esse é quem manda nos artistas.

Seja qual fôr o palco em que appareça, as nossas mãos estão promptas para o applauso.

Sousa Bastos parte brevemente para o Brazil. Desejamos-lhe tanta felicidade como merece e que Palmira Bastos volte breve de alem mar com mais uma duzia de estrellas na sua corôa já tão scintillante de artista de primeira ordem.

MONSERRATE

No principio d'este seculo, um inglez, que pacientes investigadores affirmam ter sido o general Trant, mandou collocar na *Fonte dos Amores*, da quinta das Lagrimas, em Coimbra, uma lapide de marmore com a formosissima estancia CXXXV do canto III dos *Lusiadas:*

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram;
O nome lhe puzeram que inda dura
Dos amores de Ignez que alli passaram:
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua e o nome amores.

Ora, bem podia sir Francis Cook, visconde de Monserrate, cujo bom gosto não é nada inferior ao d'aquelle seu patricio, mandar tambem collocar á entrada da sua magnifica quinta de Monserrate estes bellos versos do canto I da *Peregrinação de Childe Harold*, de lord Byron:

XXII

. . . .
There thou too, Vathek! England's wealthiest son,
Once formed thy Paradise, as not aware
When wanton Wealth her mightiest deeds hath done,
Meek peace voluptuous lures was ever wont to shun.

XXIII

Here didst thou dwell, here schemes of pleasure plan,
Beneath yon mountain's ever beautous brow:
But now, as if a thing unblest by Man,
Thy fairy dwelling is as lone as thou!
Here giant weeds a passage scarce allow
To halls deserted, portals gaping wide:
Fresh lessons to the thinking bosom, how
Vain are the pleasaunces on earth supplied;
Swept into wrecks anon by Time's ungentle tide!

O que em portuguez quer dizer:

Alli tambem tu, Vathek! opulento inglez, fizeste outr'ora o teu paraiso, sem considerar que a riqueza, prodiga de voluptuosidades, quando uma vez chega a realisar os prodigios de que é capaz, é para logo se dizer adeus a todo o socego.

Aqui moraste, aqui sob os pincaros sempre bellos d'esta serra, formaste sonhos de prazer. Hoje, porém, como cousa amaldiçoada dos homens, a tua vivenda encantadora está solitaria como tu. Altas hervas parasitas a custo dão passagem para salas desertas e portaes abertos. Que lição ainda recente para o homem que medita! Vaidade dos prazeres do mundo que o tempo inexoravel depressa mudou em ruinas!

A primeira leitura, não se percebe bem o sentido d'esses versos, porque naturalmente se ignora quem seja Vathek. Já o expliquei em livro com toda a clareza, e não sei que outrem o fizesse antes de mim. Decorridos, porém, alguns annos, ainda um *constante leitor* do *Economista* (n.º 1463, de 20 de julho de 1886) affirmava que nunca pudera entender aquella passagem de lord Byron: «O palacio—diz elle—do opulento inglez Vathek, a que Byron se referiu, *deve ser o de Monserrate*, que ainda hoje continua a pertencer a um inglez, tambem opulento. *Mas, a respeito de Vathek, estou pouco mais do que a ver navios. Veja v. ex.ª se tem melhor vista do que eu: auxilie me.*» Vou por isso dar aqui novamente, em resumo, a explicação.

Em primeiro logar, Vathek é um livro, um romance oriental, escripto primitivamente em francez, com o titulo de *Historia do khalifa Vathek*, a respeito do qual lord Byron escreveu a nota seguinte: «Vathek é um dos livros que mais admirei na minha mocidade.»

Em segundo logar, no poema, Vathek é um tropo, em que é tomada a obra pelo auctor, e o auctor de Vathek foi William Beckford, que morou na quinta de Monserrate, como veremos. D'onde se deprehende que as duas estancias citadas, que fazem parte da maravilhosa descripção de Cintra por lord Byron, sem duvida nenhuma se referem á quinta da *Bella Vista*, como antigamente era chamada, isto é, á quinta que foi de Beckford no sitio de Monserrate, como é de tradição, confirmada até pelo erudito escriptor da *Cintra Pinturesca*.

Tenho dito o bastante para mostrar a propriedade da collocação dos versos de lord Byron á entrada da celebre quinta, tanto mais que o sr. visconde de Monserrate tem no mais alto apreço essa expansão genial do grande poeta inglez em frente das antigas ruinas da sua «vivenda encantadora.» Pois, segundo me contou a senhora viscondessa do mesmo titulo, sir Francis Cook, quando adquiriu a quinta, mandou colher com todo o cuidado as altas hervas parasitas *(giant weeds)* que embaraçavam a passagem para salas desertas e portaes abertos *(To halls deserted, portals gaping wide)*, e collocal-as em vasos na sua bibliotheca, onde se conservam sempre, em memoria da elevada homenagem de lord Byron.

A denominação da quinta — *Monserrate* — remonta a sua origem ao seculo XVI. Com effeito, em 1540, um clerigo, de nome Gaspar Preto, edificou alli uma ermida da invocação de Nossa Senhora de Monserrate, cuja imagem era de alabastro, e fôra por elle comprada em Roma. Deu-lhe esse titulo em recordação da visita que fez, no regresso da cidade eterna, ao celebre sanctuario de Nossa Senhora de Monserrate em Hespanha.

Andando o tempo, a ermida cahiu em ruina, e no seculo passado um negociante extrangeiro, Gerardo Devisme, arrendou por nove annos a quinta, demoliu a ermida e a casa antiga que lá havia, segundo parece, com a intenção de renovar o arrendamento. E levantou uma bonita casa de campo; mas, tendo que ausentar-se inesperadamente para o Brazil, arrendou em 1794 a quinta de Monserrate a William Beckford, que deu alli brilhantes festas.

Este riquissimo inglez era filho do alderman *(vereador)* Beckford, e, como herdasse em tenra edade a immensa fortuna de seu pae, viajou muito na sua mocidade pela Italia, Sicilia, Hespanha e Portugal. Apaixonado pelas bellas-artes e lettras, possuiu uma bellissima galeria de quadros, e foi um escriptor vigoroso e original.

Em 1780 se publicou a sua primeira obra, ligeiramente satyrica, que tem por titulo — *Memorias biographicas de pintores extraordinarios*, e

quatro annos depois appareceu o romance de *Vathek*, em que acima falámos. Todavia, as suas melhores obras só vieram á luz passados muitos annos. São as *Cartas de Italia com esbocetos de Hespanha e Portugal*, de 1834, e as *Recordações de uma excursão por Alcobaça e Batalha*, de 1835, que foi a ultima. Teve duas filhas, a mais velha das quaes casou com o 10.º duque de Hamilton.

A partida de Beckford para Inglaterra marca o principio da decadencia e ruina do antigo palacio, do qual ainda ha «um quadro original feito a tempera no anno de 1808», que foi reproduzido em gravura no *Archivo Pittoresco* de 1864. As causas d'esse facto, como já teem sido referidas, foram os acontecimentos politicos do principio d'este seculo, as invasões francezas, os sacrificios que ellas impuzeram á nação, a partida da familia real e de varios membros da antiga nobreza da côrte, para o Brazil.

Em 1863, o sr. visconde de Monserrate comprou a quinta a Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel, para construir o magestoso palacio, no estylo da architectura arabe, que, se nem todos tem visto, ao menos conhecem pelo sem numero de photographias que de elle em toda a parte se encontram. O sitio, na verdade, não pode ser mais bello, «em um monte despegado que se avança como atalaia do resto das ondulações da serra,» como bem diz um escriptor. E a antiga quinta, hoje muito ampliada com outros terrenos que o sr. visconde de Monserrate tem adquirido, as quintas do Espirito Santo e da Penha Verde, forma uma vasta e importante propriedade.

Obra, porém, mais meritoria do que erguer palacios, povoal os de estatuas, enchel-os de quadros preciosos, moveis ricos, sêdas e tapeçarias, teem emprehendido os srs. viscondes de Monserrate — a instituição e manutenção de oito escolas de ensino primario, em logares circumvisinhos de Monserrate, a saber: Cintra, Collares, Penedo, Varzea, Morelinho, Ribafria e Sabrés, onde se ensinam mais de 400 creanças de ambos os sexos.

O ensino é dado por professoras de reconhecida aptidão, que se esmeram em promover efficazmente o adeantamento dos alumnos.

Este nobre procedimento é superior a todo o elogio. «Quão poucos — diz José de Maistre — são aquelles cuja passagem n'este desasidado planeta foi assignalada por actos realmente bons e uteis! Curvo-me até ao chão deante d'aquelle de quem se pode dizer: *Pertransivit benefaciendo* (Passou fazendo bem); que conseguiu instruir, consolar, soccorrer os seus semelhantes; que fez sacrificios verdadeiros para praticar o bem... Mas, qual é o modo de vida ordinario dos homens? e, em mil, quantos ha que possam perguntar a si mesmos sem terror: — O que fiz eu n'este mundo? Em que fiz eu avançar o movimento geral?»

A 13 de setembro de 1890, um domingo, houve na quinta de Monserrate uma festa grandiosa para solemnisar a distribuição dos premios aos alumnos e alumnas, que mais se tinham distinguido pelo seu aproveitamento no anno lectivo antecedente, e tambem para incentivo dos que iam começar as suas lides escolares.

As 4 horas da tarde verificou-se a distribuição dos premios, que constavam de córtes de chita, percal ou riscado — ao todo 1:800 metros — grande quantidade de gravatas, enxovaes completos, meias, botas e outros pertences do vestuario infantil. Foram tambem contemplados os rendeiros e trabalhadores da quinta, recebendo cada mulher um vestido, e cada homem duas camisas.

A' entrada do parque, uma abundante refeição, composta de carnes frias, pão, fructas e chá, foi servida ás creanças, que, no dizer de uma testemunha ocular, «occupavam duas interminaveis mesas de occasião, uma das quaes reservada ás creanças do sexo masculino, que ficavam *vis-à-vis* das meninas.»

Depois das creanças sentaram-se tambem á mesa os paes e as mães. Estiveram lá n'aquelle dia mais de 5:000 pessoas.

Houve tambem um excellente jantar aos convidados, que eram muitos.

Ainda hoje dura a mais viva recordação d'essa festa deslumbrante, realçada pela innocencia das creanças, n'aquella estancia deliciosa, em que era facil aperceber *le doigt de la femme*. Pois não se enganará, de certo, quem attribuir o seu pensamento inicial á sr.ª viscondessa de Monserrate, dama de altos espiritos, escriptora muito distincta e sinceramente devotada á civilisação do povo pela instrucção, á emancipação da mulher, á conquista do progresso pela perseverança no trabalho, ao bem e ao bello. Sim, ao bem e ao bello, porque a ella se deve o ser hoje franqueado a todos o magnifico palacio, que de antes a ninguem, com rarissimas excepções, era permittido vêr.

Da primeira e unica vez que estive em Monserrate, a sr.ª viscondessa trajava com apurada elegancia e muita simplicidade, o que dava a perceber ainda de longe a sua esmerada educação. Nas poucas palavras, que tive então a honra de trocar com s. ex.ª no seu idioma patrio, fiquei deveras captivado da extrema delicadeza com que fui recebido. E devo accrescentar que, aproveitando a liberdade do campo, rompi com o estylo e usos britannicos, não solicitando apresentação nenhuma. Apresentei-me só com o meu livrinho — *Lord Byron em Portugal* — e creio bem que a esse titulo, por assim dizer, cosmopolita, que exprime claramente ser uma relação da viagem do celebre poeta a Portugal, devi a grande satisfação de um attencioso *Welcome!* bemvindo a Monserrate.

Alberto Telles.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA

(Continuado do n.º 732)

IV

Do Maranhão passou Costa Lima a estabelecêr a sua casa fotográfica no Pará, onde mais a popularisou, escrevendo versos, tomando parte em saraus, festejos e récitas, e onde permaneceu mais tempo.

Por esta época escreveu êlle a sua primeira peça teatral, *As Pupilas do Escravo*, drama em três actos, inspirado nos costumes e destino dos pretos, que êlle estudou e observou de perto, sendo óptimo imitadôr dos seus modos e linguagem.

Desta vêz por séria enfermidade, voltava novamente a Portugal, em 1865, aos 29 annos de edade, e ía hospedar-se em Bemfica, na casa de seu tio o commerciante Almeida Lima, onde têve por enfermeira cuidadosa e amoravel sua prima D. Adelaide, que pouco depois se tornava sua espôsa.

Se não fôra a circunstancia da doença, que o obrigou a estudar, minuto a minuto, dia a dia, as qualidades daquella bôa senhôra, Costa Lima, que não se demorava nunca em observações duradouras sôbre coisas e pessôas, com o seu espírito instavel, talvêz não chegasse a matrimoniar-se em tempo nenhum.

Os que lhe conheciam o carácter inconstante na forma, mâs honrado e laboriôso no fundo, julgaram que o casamento seria pâra êlle a estabilidade e a quietação futuras.

Pelo decorrêr dêstes apontamentos, veremos se o conheciam bem os que presumiam conhecêl-o.

Acompanhado de sua mulher, em 1866, voltava ao Pará, onde reabria o seu estabelecimento fotográfico, correndo-lhe próspera a fortuna, quanto a dinheiro, mâs muito adversa no que respeitava á saude da espôsa, cuja compleição era refractaria ao nôvo clima.

Esta poderosa razão obrigou-o no anno seguinte a trespassar a sua casa a Felipe Fidanza, seu compatriota e fotógrafo, que ainda hôje é um excellente artista na mêsma localidade, e a regressar a Lisbôa, onde, pâra bem dizêr, contado o tempo da meninice e o da larga peregrinação e residencia em terra alheia, ía começar a terceira época da sua vida.

Apesar de tudo, como já temos indicado, Costa Lima possuia bôa dose de probidade e certas qualidades afectivas, alem da habilidade tenaz pâra angariar os meios de vida, predicados, que o tornavam distincto do bohémio, cuja aliança repele.

O sentimentalismo não era o seu menor predicado.

Abramos o seu album nas páginas, onde se encontram os versos incompletos da sua poesia *O Colono*, e ahi o reconheceremos como protagonista, que peregrinou, e sofreu.

A pobre mãe entrega ao pequeno emígrante a trouxa de roupa, que êste leva pâra o navio, essa estranha máchina, que ha-de expatrial-o.

....

Foi numa manhã de inverno
Fria, ventosa, gelada,
A bordo era tudo inferno
Nos preparos da jornada:
No convez, em cada canto,
Não se via um rôsto enxuto:
Eram torrentes de pranto,
Pranto de um dia de luto.

Pelas enxarcias os ventos
Soltavam tristes zunidos,
Como orchestra de lamentos;
Num concêrto de gemidos,
É que nessa hora suprêma
D'um adeus, á despedida,
Não ha lábio, que não trema,
Nem lágrima reprimida.

Minha mãe, silenciosa,
Contra o peito me estreitava;
Naquella alma dolorosa
Nenhuma angustia faltava,
Do pranto bebia as fezes
Num transporte longo e mudo...
E' que a mudêz, muitas vêzes,
Nada diz, dizendo tudo.

Quando a voz do commandante
Retroou pelos espaços:
— Larga! larga! — ai! nêsse instante,
Sentindo-a fugir dos braços,
Como um cão, que alem, da margem,
Num batel vae vendo o dono
Sumir-se, ao sôpro da aragem,
E alí fica ao abandôno,

Ganindo, uivando, convulso
De dôr, de pena, de mágua,
Como a querêr num ímpulso
Atirar-se ao cima da agua;
— Assim eu, no mêsmo ancêio,
Vendo-a sumir-se na bruma,
Senti as fibras do seio
Retalharem se, uma a uma.

Depois... moveu-se a barca, e num momento
As velas defraldando ao mar e ao vento,
Passou alem da barra,
Semelhante ao milhafre, que na garra
Leva a tímida rôla pelos ares.
O abutre dos colonos vae no bôjo...
E leva bem seguro o seu despojo
Roubado da familia aos pobres lares.

Êstes sentidos versos, que se não parecem com os precedentes pela correcção e pela sonoridade, são evidentemente uma página do coração, e representam uma vigorosa e triste lembrança, e uma notavel amostra das desaproveitadas aptidões do autôr.

Continuemos porêm:

....

Sabe alguem quanto custa ao desgraçado
Colono o pão da vida, que é regado,
Com lágrimas de escravo, em terra alheia,
Quando sente corrêr, de veia em veia,
O sangue refervido ao sol ardente,
Que queima, como lava incandescente,
Nos êrmos do Equador? e, a cada instante,
Nos horrôres da febre calcinante,
Nas ancias, na fadiga, no trabalho,
Pedir em vão aos ceus um dôce orvalho,
Esse orvalho, que á planta Deus concede,
Que a febre lhe mitigue, e mate a sêde,
E uma luz, que lhe sirva de bonança,
Um raio, um raio ao menos de esperança,
Que paréça dizêr-lhe: — Sua, lida,
Trabalha, que amanhã uma outra vida
Te aguarda alem...; alem... finda a vigilia,
No regaço da paz e da familia?

Sabe alguem o que é vivêr sem um auxilio
Nessas longinquas plagas? nêsse exilio?
Oh! bem felizes vós, entes nascidos
Em bêrços d'oiro! vós sempre aquecidos
Desde a infancia aos ternissimos bafêjos
Da mãe, que vos adora, que os desêjos
Vos pre-sente, adivinha, e no regaço
Meiga vos paga em beijos cada abraço!
Que ri do vosso rir, e chora, quando
Aflicta, a dôce mãe, vos vê chorando!
Vós, que nem mêsmo uma hora separados
Vos vistes pela ausencia! Ah! bemfadados!
Quem nunca se viu longe... bem distante
Da patria, da familia, ou de uma amante,
Não sabe o que é sofrêr na mocidade
Dez annos de martírio e de saudade!

Nós pela nossa parte, ao preconizar a verdade dêste quadro, bem experimentado por nós, diremos que só a ausencia e a saudade podem fornecêr semelhantes tintas.

Costa Lima sentiu dolorosamente o que escreveu, indicando-nos a época dêsse incompleto escrito, sem o pensar e sem o querêr talvêz.

Afirmando que ninguem dentro da patria pode sabêr o que são

Dez annos de martírio e de saudade;

e tendo ido para o Brazil aos 14, mostra-nos claramente que escreveu êsses versos, em 1860, aos 24 annos de edade, ou pelo menos que os tracejou, apurando os mais tarde, visto que as amostras precedentes são de 1863 e de si muito insignificantes.

Algum tempo depois de chegar a Lisbôa, em meiado de 1867, Costa Lima adquiriu por trespasse a afamada *Fotografia Silveira*, o célebre moedeiro falso, que a estabelecêra na rua do Thesouro Velho e no lugar, que hôje ocupa o teatro D. Amelia.

Se êsse estabelecimento deu ao nôvo possuidôr não pequenos encómodos pelas repetidas buscas, a que a policia procedeu, em razão da casa têr pertencido ao notavel falsificadôr, tambem lhe serviu, no andar do tempo, pâra título de popularidade e glória.

Converteu-se, em horas vagas e ás noites, em centro de reunião e ensaio de alguns artistas e especialmente de curiosos dramáticos, que celebraram frequentes espectáculos e vários festejos no velho teatro do Aljube e na sociedade da rua do Alecrim, chamada do *Carapau*, porque a sua instalação primitiva fôra feita numa casa da Ribeira Nova, fronteiriça do mercado de peixe.

O crisma burlêsco nasceu de se dizêr, ao designar a sociedade, que se ia pâra o Carapau; e tão forte se tornou que foi companheiro da sociedade dramática pâra a rua do Alecrim e pâra a casa, onde se vê hôje a *Arcada de Londres*.

A tal respeito e pâra signal da importancia e duração desta sociedade, bom será notar que a picarêsca denominação resistiu ao tempo e ao próprio têrmo da agremiação, pois que ainda ha pouco ao gremio progressista, que lá funcionou, se chamava o *Centro do Carapau*.

Costa Lima, como é de vêr, em sua casa e fora della, constituiu-se a alma do movimento teatral particular, como actôr e autôr.

Escreveu a *Espadelada* e o *Othelo tocadôr de realejo*, e refundiu o seu drama *Os Pupilos do Escravo*, peças que passaram ao teatro Gimnasio, onde êlle, a pedido da emprêza, foi desempenhar as personagens principaes de tôdas ellas, porque ninguem possuia qualidades imitativas eguaes ás suas.

Na *Espadelada* resumia costumes ovarinos que observara na sua própria terra, não lhe esquecendo de acentuar bem o característico namôro aos empuxões.

Quando o rapagão do Thomaz se queixa á velha Terêza de que a sua *Jaquina*, a sua conversada, o vae trocar por um *casaca* da cidade, entre o mais, que viu, afirma:

—Elle estava-*le* a fazêr gaifónas, assim, no queixo, e ella a fingir que *nan* qu'ria, e êlle a teimar, e ella a deixar-se ir, e a pôr-se *ós* murros a êlle! A... aquêlles murros eram *munto* meus! Se êlle os quer que vá lá p'ra *cedade*, que *nan* falta quem *los* dê.

As habilitações e o estudo local, de que o autôr dispunha, davam-lhe portanto uma feição, que ninguem podia disputar-lhe.

Nos *Pupilos do Escravo*, a larga convivencia com os pretos do Brazil, dos quaes imitava com a máxima correção os modos, as cantigas e a linguagem, asseguravа-lhe um exito ainda melhor.

No *Othelo tocador de realejo* finalmente, a circumstancia de têr sido escrito pâra uma paródia ao trabalho do trágico Rossi, que em vesperas de partida, fôra ao Gimnasio admirar e elogiar Costa Lima, a acentuação correcta, com que êste imitava o italiano, fizeram que o autôr servisse de mestre, como actôr, aos artistas representadôres, que se lhe seguiram.

Ha numerosas familias e companheiros seus, que ainda hôje se lembram com saudade dessa época brilhante.

VISCONDESSA DE MONSERRATE

*
* *

Em 1871, três annos e meio depois de estabelecido, em razão do seu temperamento e por ventura dos recentes processos fotográficos, que entraram em lucta com os seus, engendrou Costa Lima nôvo projecto de vida; o que sempre lhe foi facil.

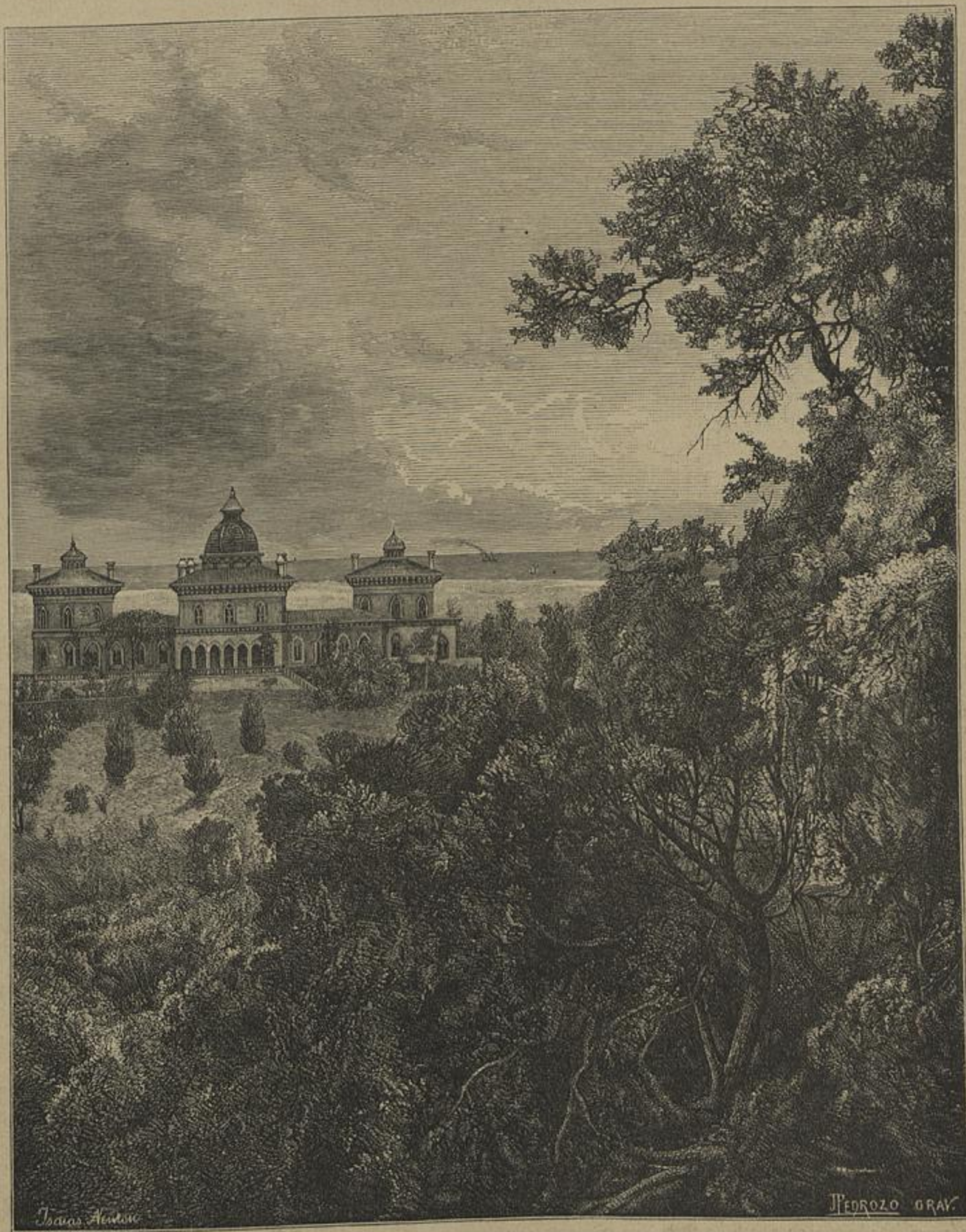
Conferenciou com Procópio e Lambertini, que

MONSERRATE — Entrada do palacio

scenografavam de sociedade, disse-lhes o que pretendia, e contractou com êlles a pintura de um extensíssimo pano de fundo, que se desenrolasse lentamente á vista do expectadôr, durante certa representação, e apresentasse a tôda a altura da caixa o comprido e formôso panorama de

Organisada uma companhia ambulante, de que era o primeiro actôr e o chefe, começou a expôr o seu reportorio e o panorama, que despertou um alegre alvorôço entre a colónia portuguêsa, entusiasmada por vêr representar comedias de costumes nacionaes, ao mêsmo tempo que se

cros do feliz empresario, que, por uma notavel coincidencia, se encontrava nos mêsmos intuitos de exploração artistica com o trágico Rossi, que foi vêr e cumprimentar.

O famôso artista, recordando-se da paródia, que vira em Lisboa, feita á sua personalidade com

MONSERRATE — Vista geral

Lisbôa,* desde a barra até ao extremo de Santa Apolónia.

Feito isto muito a seu contento, muniu-se das peças dramáticas já mencionadas, juntou-lhes a imitação em 1 acto *Orestes e Pilades*, que compozera anteriôrmente, escreveu a bordo do vapôr, em que entrou, uma nova comedia, em 1 acto *A Vindima*, e dirigiu-se com tôda essa bagagem artistica e literária ao Rio de Janeiro.

desenrolava e ella via, saudosa e palpitante de comoção, o magnífico panorama da capital do seu paiz.

Não era preciso mais. A lembrança de Costa Lima alcançava um premio avultado de grandes aplausos e óptimos lucros; e êlle mandava a tôda a pressa encomendar a Procópio e Lambertini um panorama identico do Porto.

A chegada deste nôvo pano augmentou os lu-

tamanha correcção, mostrou desêjos de a tornar a presenciar.

Costa Lima, admiradôr convicto do afamado italiano, esmerou-se no desempenho, que deu ao tocadôr de realejo do seu *Othelo*, pronunciando os trêchos da lingua de Dante com o accionado e a modulação da voz de Rossi, que em testemunho do seu aprêço e gratidão lhe offereceu o retrato, cuja dedicatória tem a data de 27 de junho de 1871.

Não collecionando nunca as lembranças dos seus triumfos, e importando-se até muito pouco com ellas, o autôr da comedia *Othelo* ligou sempre manifesta importancia ao retrato de Rossi.

Resolvido, depois d'isso, a transferir-se pâra o norte do Brazil, percorrendo o litoral, Costa Lima passou da capital ao Rio Grande e a outras localidades do sul, onde continuou a ganhar grôsso dinheiro.

Conseguido o seu desiderato, esperava êlle e com tôda a razão alcançar uma riquêza; antigos padecimentos porém, em que avultava uma afeção de bexiga, obrigaram-no a desfazêr-se do material da sua emprêsa, vendendo-o ao actôr português, ha pouco falecido no Rio de Janeiro, Vicente Rodrigues, que seguiu o itenerario traçado pelo seu antecessor até ao Pará, onde o traçejadôr destas linhas chegou a assistir á exhibição das comedias e panoramas, que em verdade produziam em almas bem portuguêsas o vivo agridôce das saudades e as exaltações do patriotismo, que só os exilados podem e sabem sentir.

Mal diriamos nós então, que, ainda por um sentimento de apêgo ás coisas pátrias, haviamos de sêr o chronista dos objectos e do autôr dêsses espectáculos!

*
* *

Depois da demora de um anno e tanto, Costa Lima voltava novamente a Lisbôa, em 1872, trazido pela enfermidade, e empregava em inscripções hespanholas o avultado pecúlio, que afortunadamente adquirira.

Nova fatalidade no entanto lhe vinha ao encontro, e tal impressão lhe causou que uma grande parte dos seus cabêllos branquearam, de um dia pâra outro, segundo o seu testemunho.

Os acontecimentos politicos de Hespanha fizeram baixar o seu papel a um preço arrastado, que representava enorme prejuizo, e meteu pavôr.

Costa Lima, sem ânimo pâra esperar, como mandava a bôa razão, assustou-se em demasia, e no anno seguinte vendia ao desbarato tôdos os valôres hespanhoes, que possuia.

Este revez foi o maior e mais sério de tôda a sua vida. Costa Lima, pela primeira vêz, pensou maduramente no seu futuro e no da espôsa, embora desta não tivesse descendencia, que estipendiar, e temeu por ambos.

Esta preocupação havia de acompanhal-o, como acompanhou sempre.

Precisa se tornava uma volta immediata ao trabalho, e portanto êlle, readquiridas, numa grande parte, as feições peculiares do seu carácter, empregava-se como gerente do café da *Europa* o antigo *Hespanhol*, do Roeio, então pertencente ao pae de Mattos Moreira, de quem já era presadôr e amigo, como não podia deixar de sêr, visto que a convivencia dêste, na sua qualidade de traductôr, editôr e autôr de comedias e literatices várias, lhe seria proveitosa e agradavel.

Continuando a obedecêr á instabilidade da sua naturêza, á sua tendencia pâra coisas teatraes e ás muitas solicitações de amigos e admiradôres, voltou a tomar parte em espectáculos de curiosos, em casas particulares, no teatro Taborda, em varias peças, e annos depois no do Principe Real, desempenhando o dificílimo papel do velho Gaspar nos *Sinos de Corneville*.

Não nos antecipemos porêm.

Continuando tambem e sempre a seguir a feição principal do seu temperamento, de gerente do botequim passou a escriturário ajudante do fiscal Serrinha, no hospital de S. José, donde se transferiu pâra o Pôrto, no emprêgo de pagadôr do caminho de ferro do Minho e Douro.

Restam-nos dessa época três poesias suas — *Fado*, inédito de onze quadras, escrito no seu album, em 1875; *Paz e Progresso*, impressa em avulsos e destribuida no teatro de S. João, onde êlle foi recital-a, na presença de el rei D. Luiz, que acabava de assistir á inauguração do dito caminho de ferro, em 17 de maio dêsse anno; e *Emfim*, versos congratulatórios por têr acabado a guerra civil de Hespanha, dados á luz num jornal portuense, em 10 de março de 1876, uns e outros apensos ao sobredito album.

A primeira composição, o *Fado*, é ligeira como o titulo indica, mâs redunda em nenia ou simples queixume pessoal e não em cantata erótica, que se casa aos sons da gemebunda guitarra.

É como segue a quadra mais de estimar:

> Hôje, debil como a palma,
> Que sacode o vento irado,
> Nas últimas cordas da alma
> Quero saudar o passado.

A segunda, *Paz e Progresso*, não tem espontaneidade; é uma poesia de ocasião, um objecto de encomenda. A estrofe seguinte constitue a melhôr das suas cinco décimas:

> Paz! ó paz! bemdita sejas!
> Bemdita, lúcida estrella,
> Pomba, que nos ceus adejas,
> Quando vae finda a procela;
> Bandeira, que no Calvário
> Se arvorou; branco sudário
> De puro sangue manchado,
> Legado santo, eloquente,
> Dêsse mártir innocente,
> Que na cruz morreu cravado.

O terceiro escrito, consagrado á Hespanha, sim: é meditado, vigorôso e sentido; compõe-se de onze décimas, de que destacamos três, pesando-nos que o espaço nos não dê maiores ensanchas.

....

> São irmãos os combatentes,
> No mêsmo ventre gerados
> Da mãe patria! Dissidentes,
> Cegos, loucos, desesp'rados,
> Vão lançar-se na voragem,
> Dando exemplos de carnagem,
> Como esfaimadas panteras!
> ¿ Na peleja enraivecidos,
> Quem dirá, pelos rugidos,
> Se homens são ou brutaes feras?!
>
> E a glória? De quem a glória?
> Do matadôr... ou do môrto?
> Como, ó Christo, é irrisória
> A tradução do teu Hôrto.
> Como os homens em delírio,
> Escarnecem do martírio,
> Que sofrêste em seu proveito!
> Com que pálido cinismo
> Vão profundando êsse abismo,
> Que os ha-de sorvêr no leito!

Falando dos padres, que animavam a guerra de Hespanha com a palavra e o exemplo:

....

> Junto ao trabuco execrando,
> Pende-lhe ao lado um rosário!
> E... vão matando... e prégando
> O verbo... a lei do Calvário!
> Ó padres! com que direito
> Metralhaes o debil peito
> Da pátria, que jaz exangue,
> Em nome de Deus? Mentira!
> Quem com sangue redimira...
> Não quer dos homens o sangue.

Êstes versos não são de uma cabêça airada, nem de um coração levemente pervertido, como podem sêr os do bohémio. A alma do autôr, aberta a tôdos os sentimentos generosos, não tomava parte nas volubilidades do seu carácter.

(Continúa) *Sanches de Frias.*

OS ELEPHANTES

Por P. de S. Victor

Causou-me sempre desagrado ver este animal antidiluviano a exercer o officio dos cavallos sabios e dos cães instruidos. A palhacisse que faz subir póstos ás outras alimarias, representa para o nobre e atilado elephante méra decadencia. Afigura-se-me estar vendo um patriarcha a fazer de bôbo. Um não sei quê de humano anima aquelle gigante, uma centêlha de alma anima aquelle monolitho ambulante. Nada tem de brutal, vulto tão intenso, a sua monstruosidade nada apresenta de hediondo. Aquella enorme cabêça em que luz um olhinho sagaz, á qual servem de ventarolas duas orêlhas com prégas de estandarte, dir-se-hia que traz lá dentro incubádos os segredos do mundo primitivo. «Ha ali alguma coisa», sob os planos de cupula da sua fronte abaulada. O nariz fantastico que lhe serve de remáte, aquella tromba subtil e terrivel, á qual tanto lhe custa desarreigar uma arvore como colher uma flôr, esganar um tigre, ou pegar n'uma creança em charóla, dá muito mais ideia de um orgão intellectual que d'um orgão bestial. Vêl-a-iamos, sem espanto de maior, descascar um ovo.

E' abrupta a estructura do elefante, á maneira porém da dos penêdos; não tem mais de feio do que tem de disforme qualquer montanha. No livro de Job, Deus mostra-se desvanecido pelo ter creado.

«Eis aqui Béhémoth em que puz minha alegria.» Côme herva como o boi; seus óssos são tubos de bronze, seus membros barras de férro. E' a primeira entre todas as óbras de Deus. Aquelle que o creou deu-lhe em dóte o proprio gladio.»

Nem mesmo deixa de ser airósa tão pesáda móle. Os poétas indianos comparam, por mais de uma vez, o andar de uma rapariga com o de um elefante ainda novo. Ha dias, em Paris no Jardim das Plantas, contemplávamos duas crias de elefante, entretidas em seus brinquédos. Buscávam-se mutuamente, evitavam-se, davam marrádas, marinhavam um pelo outro, com gentileza gigantêsca. Enlaçavam as trombas, ageis e brincalhônas que nem braços de creança. Formavam, a todo o instante, grupos que nem feitos de encommenda para a decoração d'um pagóde ou para as fantasias da porcelana.

A ninguem passará pela ideia o horrendo hippopotamo, a resfolgar chapinando nos rios sagrados do Eden; a imaginação, comtudo, não sente repugnancia em fantasiar o elefante seguindo atraz de Eva no jardim celestial, e colhendo-lhe delicadamente, com a extremidade da tromba os fructos ou as flôres, ás quaes ella não podia chegar com a mão.

Um vago respeito vem juntar-se ao espanto que nos inspira tão grave antepassádo do reino animal. Seus instinctos assemelham-se a virtudes. Prudente qual ancião, frugal qual cenobita, tão accessivel ao sentimento do beneficio, como ao do rancor.

Seus costumes denunciam mysteriosa moralidade. E' notorio o pudôr que preside aos seus hymenêos, e do qual tão maliciosamente se riem os macácos, que o perseguem de arvore em arvore, quando corteja a sua fêmea. O casal atonito andará vinte léguas, se tanto fôr preciso, afim de escapar a seus olhos obscênos: só quer amar no deserto.

Compreende-se que a India tenha deificado um tal colosso. As almas das divindades vêem, de tempos a tempos, encerrar-se em seus grosseiros flancos, tal qual se internam os ascetas nas cavidades das rochas adustas.

Ganêz, o Deus indiano da humana sabedoria, ostenta sobre um côrpo humano uma cabêça de elefante: Jamais esquecerei a impressão de majestada monstruosa que senti quando, ao entrar no muzêu de Leyde, me encontrei cara a cara com a estatua do Deus proboscide. Está sentado com a tiára na cabeça, n'uma cathedra de granito, em attitude pontifical.

Os dentes estão circumdados por collares, pendem-lhe, das orelhas, pesados anneis; a tromba em repouso, dórme enroscáda sobre o peito do colosso, qual serpente familiar; os olhos pequeninos, piscos, sobresáem por entre meadas de rugas, fitos em amorosa contemplação na flor de lodão que na mão ostenta. Dir-se-hia o pápa de pantheismo sentado na sua cadeira a meditar nos mysterios cosmogonicos da creação.

A propria antiguidade classica, tão affastáda do culto que o Oriente tributa aos animaes, não poude esquivar-se para com o elefante a uma religiosa superstição. Os naturalistas orientaes a elle se referem apontando-o como um homem enorme. Plinio gaba-lhe literalmente a probidade, a prudencia, a equidade e a clemencia, e até mesmo a piedade. Diz elle que o elefante adóra o ceu, e que, pela manhã, saúda com a tromba o sol nascente. Conta o escriptor latino que, em Africa, a cada lua nova, se vêem rebanhos de elefantes, descer das florestas até á margem dos rios, e ali, purificar-se, em honra do astro do dia, com aspersões solémnes. Dion Cassio diz que, assim que a lua nova despónta no horizonte, aquelles animaes vão colher flores afim de lhe offerecêr ramalhetes. Elio refere que já se ouviu falar um elefante; e que o viram escrever com a tromba sentenças na areia. Plinio affirma ainda que conhecem a fé dos juramentos e que os elefantarcas só conseguem conduzil-os a embarcar, jurando-lhe que, terminada a guerra, os trarão outra vez á terra natal.

Ha narrações modernas que egualam, quasi sob o aspecto maravilhôso, estas antigas fabulas, o tenente Bason, official inglez, nárra que, tendo perdido, n'uma caçada, a cavilha da sua umbélla, ordenou ao mayoral do seu elefante que parásse, e lhe fosse buscar um pedaço de madeira sêcca afim de a substituir. Respondeu-lhe o homem que o elefante, pelo caminho, em bréve encontraria o que elle pedia. Bateu o conductor no elefante com o seu martello de commando, como que para o avisar, e falou-lhe demoradamente em alta voz. O elefante, acto continuo, apanhou do chão um punhado de folhagens, que foi rejeitado; depois,

uma mão-cheia de pó, que lhe rendêu duas ou tres martelladas com acompanhamento de injurias e arguições referentes á sua inepcia. O animal, então, apresentou-lhe um pedaço de pau; o mayoral, d'esta vez, gabou-lhe a intelligencia, explicou-lhe, porém, por meio de acenos, que o trôço de madeira éra ainda grande de mais para o fim a que o destinavam. D'ahi a instantes, o elefante, sempre a andar, apresentava ao dôno um ramo secco com as dimensões que lhe haviam sido indicadas. Outro viajante inglez refére que, durante uma campanha, os cipaios empregavam os elefantes a puxar pela artilheria; isto é, a empurrar com a testa os canhões e os obuses. Afim de os resolver a tão ardua manóbra, promettia-lhe aguardente, e os animaes enfureciam se quando, concluida a taréfa, lhes não serviam a sua ração de *brandy*.

No século XVI, possuia a guarnição portugueza de Cochim um elefante de genio, cuja historia, escreveu Damião de Goes,—chronista da corôa—empregado, de dia, nos trabalhos da fortaleza, encaminháva-se, assim que anoitecia, para a praia, onde o esperavam os clientes. Estes carregavam no de fardos, para transportar por todas as ruas da cidade. Depois de ter desempenhado as respectivas commissões, vinha o elefante buscar o seu salário, que consistia em dinheiro que lhe metiam dentro da tromba. Ia, d'ali, direitinho ás lojas dos fructeiros e padeiros, e não largava os xerafins a não ser a trôco de mancheias de bôlos ou de cana de assucar. Um dia, certo agente portuguez, que o encarregou de entregar um pipo de vinho, lembrou-se de lhe pagar, não em moéda de elefante, solida e valida, mas sim, como lá dizem os francezes, em moéda de macáco, a pretexto de que, visto elle fazer parte da guarnição da fortaleza, lhe assistia o direito de servir-se gratuitamente dos elefantes d'elrei. O animal, irritado por tanta má fé, perseguiu-o até casa. Tentou arrombar a porta, e como o não conseguisse, abraçou a pipa com a tromba, e atirou-a ao mar.

Os elefantes, que hoje mostram nos circos, são d'essa raça e da mesma força. A um acêno do cornáca, ajoelham, põe-se de pernas para o ar, e dansam com colares de guizos atados nos pés. Empinam-se sobre as duas pernas, e enristam as trombas, na attitude d'essas longas trombêtas perpendiculares em que sopram os arautos nos *triumphos* dos antigos mestres.

Terminados taes exercicios, um d'elles ergue do chão o cornaca e carrega com elle deitado sobre os dentes.

Tudo, porém, degenera. Esses elefantes o que são, comparádos com os elefantes dos circos da antiguidade, que dansavam na córda, arremedavam os gladiadôres, e revestidos da toga laticláva, commodamente repimpados em leitos de purpura, comiam o banquete que o povo romano lhes offerecia, com a gravidade de pádres conscritos ceando em casa de César.

Pin-Sel.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO III

Morrer o que é? Nada. Mas o que vale viver com o coração fechado n'um tumulo?
CHATEAUBRIAND.

As grandes paixões nascem do amor; mas vão dar á morte.
ARSÈNE HOUSSAYE.

II

VIAGEM Á BUSCA D'UMA MULHER PERDIDA

No dia seguinte quiz eu mesmo ir ver Bernardo. Fui ao palacio Riminio. Encontrei o tio de Violante, como sempre vestido de farrapos, e cada vez mais dono do palacio abandonado. Reconheceu-me e perguntou-me de chofre se eu ia lá comprar certo quadro do velho Palma, que eu elogiára muito um anno antes sem olhar para elle.

— Está então para vender? perguntei.

— Senhor, não; mas se o quizesse devéras, talvez eu imaginasse meio de lh'o ceder sem que o senhor Ruiperez tivesse que fazer observação.

«— Lá por essa estava eu!—O senhor Ruiperez e o senhor Bernardo já haveriam vendido duzentas vezes talveza quelle retrato aos amadores inglezes.—É um commerciosinho que em Veneza se faz em muito larga escala. Ha lá Ticiano que se vende n'um mesmo anno dez vezes. Dirão os bons venezianos que a culpa é dos inglezes e dos austriacos.

Olhei para o retrato.

— Pouco tempo me demoro em Veneza, disse a Bernardo; mas tenho um amigo, membro da Camara dos Communs em Inglaterra que ha de vir provavelmente visitar esta galeria e que ha de ajustar comsigo a compra de diversos quadros. Peço-lhe que o trate como se eu proprio fosse. Chama-se Sir John Kellington.

— Sua senhoria só terá a dizer bem do palacio Riminio, disse-me o velho judeu cumprimentando-me.

Dei uma volta pela galeria.

— Mas, disse porfim a Bernardo, parece-me que o anno passado me falou d'uma sobrinha sua encantadora.

— Ah! senhor, que renova as minhas dôres! exclamou o velhcte. A minha sobrinha safou-se com um francez.

— E não voltou?

— Não, senhor; não tive essa consolação.

— Mas não gostava d'ella um gondoleiro?...

Um tal...

— Antonio, sim sr., um optimo rapaz, que para ahi cahiu quasi morto, uma noite, á nossa porta. Dizem que foi o francez que o quiz mandar assassinar.

— E depois?

— Depois? Recebi trez ou quatro cartas de Violante — é o nome de minha sobrinha — que até foi tão falta de vergonha que, n'uma das cartas me mandou uma nota do Banco de França de mil francos.

— Signal de seu bom coração, disse eu.

— Ah! senhor, se ella tivesse tido bom coração não se contentava com mandar-me uma só, nem me teria assim abandonado no momento em que a educação dos meus filhos mal tinha principiado.

— Mas que lhe dizia ella nas cartas, perguntei ao velho Bernardo. Falava-lhe ás vezes no gondoleiro?

— Não, senhor; mas pedia-me sempre que pelo correio lhe mandasse o meu perdão.

— E nunca lh'o mandou?

— Que quer? disse o velhote. Isso não me custava menos de uma lira que tinha de pagar ao escrevente publico, sem contar com o porte da carta. E para que servia? Ha coisas que não teem perdão, sobretudo quando custam á gente.

Deixei Bernardo, convencido que, se Violante estava em Veneza, ainda não tinha vindo pedir-lhe desculpa. Mas porque escreveria ella, calando-m'o, áquelle tio tão máo, de quem nada tinha a esperar? — «A nostalgia, o remorso, a saudade, quem sabe?» — Isto disse eu comigo e depois repetia: — Está em Napoles, onde o Duque de San Croce irá ter com ella.

Passei ainda alguns dias em Veneza, mas não achei rastos de Violante — apenas uma adoravel lembrança. Por toda a parte via perfilar-se a imagem linda, minh'alma e minha vida.

Todos os dias enviava um despacho para Paris ao meu criado, encarregado de a procurar sem descanço: Nada, nada, nada! Era constante a resposta.

Não quiz deixar Veneza sem dar uma noite um ultimo passeio de gondola, como que para respirar uma vez ainda, no ar humido, na atmosphera nocturna, as lembranças encantadoras, entristecidas pela ausencia.

Não desesperava ainda d'um qualquer imprevisto encontro que no ultimo momento me puzesse no rasto de Violante.

Mas em Veneza só se está bem na Praça de S. Marcos ou no Caes dos Esclavões. Fóra d'ahi é um labyrintho.

N'essa noite, ainda olhei para todas as gondolas amorosas; mas não vi Violante. — É uma tolice procural-a assim; pensei. Se ella cá estivesse enchería Veneza com seu brilho; iaria bulha, daria luz por toda a parte.

E entretanto, quando no dia seguinte parti, dizia uma voz dentro em mim: — não procuraste bem.

Tive por instantes a ideia extranha de raptar uma outra veneziana; mas, assim como a vida se não recomeça, não se recomeça o amor.

Fui a Napoles; por ali fiquei um mez Recebera, estando em Veneza, uma carta de João que me annunciava a partida do duque de San Croce, de Paris para destino desconhecido.

A verdade é que San Croce, desesperado pelo desapparecimento de Violante e convencido que, se ella me não amava, não era a elle que amaria, além d'isso, perseguido pelos crédores por uma somma fabulosa, San Croce embarcára para a Nova-Orléans. Mas nem João nem nenhum dos meus amigos sabiam d'isto e só, mezes mais tarde, o soube, quando regressei a Paris, onde recebi uma carta do duque.

Em Napoles pois, depois de buscas insensatas, convenci-me que nem Violante nem San Croce lá tinham estado.

Voltei para Veneza, decidido d'esta vez a fazer com a florista uma viagemzinha até ao Monte Herma, onde talvez nos dessem novas da fugitiva. Mas a sr.ª Lucrezzia disse-me que ainda na vespera conversára com Antonio, mais do que nunca desanimado. Signal era de que Violante não apparecera no Monte Herma, onde elle ia muita vez.

— Porque não a procura melhor em Paris? perguntou-me Lucrezzia.

Lucrezzia tornára-se minha intima confidente e ajudára-me, com todas suas manhas, em minhas buscas.

— Todas as mulheres que no mundo se perdem, devemos encontral-as em Paris, disse Mario. Lucrezzia com effeito tinha razão.

— Acabei por me convencer que o meu creado procurava mal, como um tolo que é.

— Mas, disse Steeple-Chase, um animal busca melhor que um homem.

III

LAMENTAÇÃO

Voltei por fim. Não sei que doida esperança me dizia que havia de encontrar Violante á minha espera no pequenino, nosso ninho da Avenida da Imperatriz.

Mas só encontrei o meu fidelissimo João, que á minha custa dava um saráu ás cosinheiras dos Campos-Elysios.

Foi com dôr profunda e poetica que abri a porta do quarto de Violante.

Agora, meus amigos, o melhor que tenho a fazer é recitar-lhes as commovedoras estrophes do poeta, que, antes de mim, passára pela mesma dôr. Devem lembrar-se talvez d'esse poema, *Virtudes de Ninon*, escripto para fazer rir e que nos fez chorar. Nada mais simples: um apaixonado, que procura a amante. Sei-o todo de cór.

E Hautenche, que ninguem interrompeu, disse do poema todo este fragmento:

. . . .

Em setembro, a Ninon voltei com muito gosto,
Lembrando me que o amor tem glorias de sol posto.
—«Senhor, me disse o groom, senhor, tarde chegou;
No quarto, que Ninon lhe enchia de alegrias,
D'um perfume achará tão só lembranças frias,
Que a porta um bello dia abriu-se e ella voou.»

Assim falou meu groom, que as letras muito adora
E sempre lê Rousseau. Por isso o não puz fóra.
Mas que furiosa dôr se apoderou de mim!
Não amára Ninon senão por alto, é certo,
Mas do ciume atraz veio a paixão tão perto,
Que, como verga um vime, a alma vergou-me assim.

Custava-me rever essa amorosa estancia
Dos nossos corações batendo em concordancia.
O amado ali sorrira, a amada fôra ali!
Ali n'aquelle ninho!... O' sonhos! O' perfume!
Tinha a chave da porta, ardia em meu ciume;
Mas um sepulcro vivo ir avistar temi!

Emfim, tempos depois, galgo os degráos da escada.
Manhã de outomno, fria, agreste, ennevoada.
Pallido como um morto, a rebentar de dôr,
Ria agora e depois... chorava como um louco!
Tremulo a porta abri. Minh'alma, pouco a pouco,
Por tudo se espalhou como uma luz d'amor.

—«Por onde andarás tu, belleza feiticeira?
Eis aqui teu chapim, ó Gata Borralheira!
Do teu fato eis ali a seda a rebrilhar;
Acaso andarás tu, como a verdade, nua?
Onde posso encontrar-te? Em que campo? Em que rua?
Onde cantas, meu grillo, ao lume de que lar?»

Beijei-lhe o sapatinho, em ais d'amor desfeito,
Seu vestido apertei bem junto contra o peito
E a seda quanta vez beijei, ai quanta vez!
—«Sombra do meu amor, volta a mim sem rancores;
Rever-te quero o olhar, Ninon, ó meus amores,
Sob o teu cilio negro a rir com languidez.»

N'isto, vejo uma carta amarrotada e aberta.
No amor era ella sabia; em letras muito incerta,
Que no Hotel Rambouillet não nascêra, isso não.
Só para rabiscar o que a alma lhe dizia
Quanta vez precisou de todo o inteiro dia!
Mas em que estylo aliás mostrava o coração!

Eis essa carta: — «Aqui morria e á vida quero.
N'outra parte encontrar meu coração espero.
Isto tudo põe lá no teu romance. Adeus.»
Molhádo era o papel, beijei o pranto amigo.
—«Onde és, Ninon? Ninon, eu quero ir ter comtigo!
Andorinha, voaste, e eu quero os beijos teus!»

MONSERRATE — VISTA DA GALERIA EXTERIOR

Fantasma doloroso eram aquelles traços,
E co'a carta me fui, d'alma feita em pedaços,
Correr pela cidade, onde como ebrio andei.
Perfume trepador não ha como a saudade.
Busquei Ninon, mulher, atomo, claridade,
Mas o seu doce encanto em vão, em vão, busquei!

Cem vezes leio a carta; a febre não se acalma.
Alta noite voltei co'a morte na minha alma,
Bem sabendo que um drama um quinto acto requer.
—«Em que loucura cais minh'alma novamente!
Onde esperas rever um outro olhar tão quente?
Onde esperas achar mulher assim mulher?»

Já cançado da lucta, as forças já quebradas,
Accendi uma vela e subi as escadas.
Onde iria encontrar quem foi o meu ideal?
Minh'alma desfallece e veste-se de luto,
Meu coração palpita e no silencio escuto
Um canto em tom menor, um canto sepulcral.

Tremendo metto a chave e a porta abrir procuro,
Que me esconde o passado e talvez o futuro.
Abro e vejo Ninon, Ninon posta a chorar!
—«E's tu, Ninon, és tu? — «Sou eu. Porque vieste?»
—«E's tu, minha Ninon, que tal prazer me déste!
Que procuraste aqui?»—«Eu quiz me relembrar!

—«Relembra pois, Ninon, nossa alegria louca.
Pensava o coração, logo o dizia a bocca!»
—«E as suaves manhãs que o nosso amor nos deu!
Nossas teimas!... Dizia eu zim, não me dizias!
Noites de que eram luz tamanhas alegrias
E em que sempre em minh'alma ouvia o nome teu!»

—«Não te lembras, Ninon, das horas preguiçosas
Passando leves como o vento sobre as rosas?»
—«Se me lembro! E tambem d'aquella embriaguez
Que punha em minha fronte a sciencia dos teus beijos.»
—«E a varanda, onde, então Ninon dos meus desejos,
Bater a meia noite ouvimos tanta vez?»

Nos braços a apertei. Sua alma, em tal extremo,
Com tal luz me abrasou, que todo inda hoje tremo!
Se nos houvereis visto, houvereis vós de ver
Chammas d'oiro e rubins, que o vivo amor exhala.
Do amor no coração ouvindo toda a escala,
Meu thesoiro cuidei — que doido! — rehaver.

Nada mais houve. Eis tudo. Ainda aniquilada
Pelo abalo, Ninon ergueu a voz cançada,
Mais ao seio me uniu e em minhas mãos pegou.
Doce era a sua voz, mais doce que um alento
Da brisa sobre o mar. — «Adeus! Leva-me o vento!
Para as tristes regiões do desencanto vou!

Adeus! Conheço o amor. Em muitos incidentes
Dentro em meu coração desci vezes frequentes.
Do fructo prohibido os gostos sei de cór.
Filha d'Eva, trepei pela Arvore da Sciencia,
Tudo me é familiar na estrada da existencia.
Sei que é ao morto amor morto deixar melhor.

E eu nunca mais a vi! Onde é que ella hoje existe?
O seu vulto, alta noite, ás vezes, vejo triste
Entre roupas mortaes de pallidas visões.
—«Sou eu, teu caro amor,» diz-me ella em voz maguada.
—«E's tu, Ninon? E's tu, ó minha desvairada?
E desce o pranto nosso até aos corações!

. . . .

E Hauteroche esvasiou o copo de champagne, como se bebêra lagrimas.

— Continua, disse-lhe Baccarat. Interessa-me o lance dos teus amores.

— Depois de varias semanas de correrias inuteis em Paris, de não sei quantos raciocinios, duvidas e loucuras, reflecti: Se Lucrezia, a florista cheia de experiencia se houvesse enganado ou querido enganar-me? Se Violante, sem querer saber do gondoleiro, se honvesse escondido no monte Herma? Se lá a não encontro, dizia comigo, volto a Napoles, e como Plinio, o Velho, atiro-me ao Vesuvio.

Era o ultimo recurso contra a minha tristeza e miseria. Lembra-me que d'essa vez puz-me a caminho só com mil e quinhentos francos e um passe do caminho de ferro, que obtivera como empregado d'um jornal da tarde, *A Patria*...

— Estava doido de todo! disse o mathematico Baccarat.

— Um apaixonado, que admira? disse Mario.

— Estava apaixonado e doido, com frenesins, com raivas! Adivinhava que o que quer que fosse de implacavel se havia de ter apoderado da alma de Violante, para que ella assim me desapparecesse sem que eu houvesse meio de lhe avistar o rosto! O meu amor tornava-se como que n'uma aposta entre mim e a minha sorte! Já não tinha a meu favor nem dinheiro nem o sorriso da mulher amada. E nada do mundo queria senão esse sorriso perdido!

Que mais lhes contarei para que perceba a resolução em que estava de achar Violante ou morrer? Amava-a mais doidamente do que nunca; considerava a sua fuga como um desafio ao meu coração e este achava suas juvenis ardencias respondendo ao desafio.

—Torne eu a encontral-a, pensava, e saberei como reconquistar essa alma que me foge e que tão fraca se sente que só pela fuga julga escapar ao meu dominio. Mas como encontral-a? Seja embora na morte!

Paulo de Hauteroche calou-se. Respeitámos seu silencio. O proprio Mario já não ria.

Instantes depois o nosso amigo, sacudindo a cabeça, como quem afasta pensamentos importunos, continuou a sua historia.

(Continúa).

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorio *da direcção da Companhia de Seguros Previdencia — Lisboa*, 1899,

O presente relatorio refere-se ao exercicio de 1898 e contem tambem o respectivo parecer fiscal.

Por elles se vê que foi bastante tranquilla a marcha dos negocios da companhia durante aquelle exercicio e que d'elle obtiveram os accionistas lisongeiro resultado, podendo distribuir-lhes o mais elevado dividendo até hoje concedido por aquella companhia, pois é de 20 %, livre de imposto de rendimento.

Folgamos por vêr desenvolver-se assim uma companhia portugueza, que apenas conta vinte annos de existencia, e que tem sabido elevar-se no conceito publico.